



A EXISTÊNCIA DO SER HUMANO SEGUNDO GABRIEL MARCEL E JOSEPH RATZINGER

Jon Eslen Amorim da Silva¹

Soter Schiller²

RESUMO: As considerações aqui apresentadas têm por objetivo levar o leitor à reflexão sobre a existência humana no mundo a partir do viés de pensamento ofertado pela corrente filosófica do existencialismo, mais especificamente sob a ótica de dois pensadores que, mesmo que não seja comum relacionar suas áreas de pensamento e filosofia, ofereceram uma concisa, porém forte contribuição para o pensamento contemporâneo ocidental: Gabriel Marcel e Joseph Ratzinger. Em um primeiro momento, evidenciaremos como essa forma de filosofar surgiu no contexto da chamada filosofia contemporânea para, assim, passarmos às considerações dos autores sobre a presença do ser no mundo, sua relação com os outros seres, sua condição de itinerância e atuação frente aos problemas diversos da existência.

PALAVRAS-CHAVE: Marcel; Ratzinger; Existência; Itinerância; Condição.

A abordagem sobre algo ou alguém que existe sugere que se apresente algumas temáticas e pontos nevrálgicos ou basilares sobre o objeto de estudo pelo qual se pretende discorrer. Portanto, falar da existência humana requer uma abordagem apurada sobre essa parte da vida mais profunda e significativa da qual temos acesso. Percebemos, assim, a essência e o cerne das ações e dos pensamentos da figura humana que se apresenta como racional, independente e livre conferindo à existência a dimensão do sentido do profundo.

Nesse viés, uma das mais eloquentes correntes filosóficas que expõe de maneira mais veemente a existência do ser humano e sua ação no mundo se apresenta como Existencialismo, que emerge da busca das respostas sobre o lugar do ser humano enquanto ser vivo e pensante no mundo, tendo como ponto de partida as considerações filosóficas do dinamarquês Sören Kierkegaard (1813-1855). Pensamentos e ideias difíceis

¹ Bacharel em filosofia pela Faculdade São Basílio Magno (FASBAM). Este artigo foi elaborado a partir da monografia (TCC) orientada pelo Prof. Me. Soter Schiller. E-mail: joneslenamorimdasilva@gmail.com

² Mestre em teologia pelo Pontifício Ateneu Santo Anselmo, Roma, Itália, e professor de filosofia na Faculdade São Basílio Magno (FASBAM). E-mail: soschill@hotmail.com

de se conjecturar, segundo o próprio filósofo, pois, “pelo que toca aos conceitos existenciais, o desejo de evitar as definições constitui uma prova de fato” (CHESTOV, 1936, p. 36-37). Essa corrente de pensamento se estabelece a partir do período localizado entre as duas grandes Guerras Mundiais, em um contexto latente de dor e de sofrimento humano, que provocam uma situação de forte pensamento existencial: o humano é um ser finito e vive situações diversas e problemáticas cotidianamente em busca de sentido para suas ações. Se por um lado, o positivismo e o marxismo são, de certa maneira, linhas de reflexão “otimistas”, por outro, o existencialismo é a filosofia do humano que se interessa por si mesmo.³

Partindo desta premissa, em um montante de sistemas refletidos não somente como conceitos de existência, mas como análise existencial e escritos cheios de vida, emoção e, por assim dizer, drama, diversos filósofos produzem seu pensamento tendo como base a vida do homem neste mundo, seja em uma perspectiva geral ou individualista.

A filosofia existencialista considera a existência do ser que existe. Nas palavras de Blaise Pascal, ela mostra que “toda a nossa dignidade consiste, pois, no pensamento. É daí que é preciso nos elevarmos, não do espaço e da duração que não saberíamos encher” (PASCAL, 1670, s.p.), ou seja, é o único ser que pode intuir e argumentar de maneira racional sobre aquilo que ele é, o porquê veio ao mundo, seu espaço de vivência e para que está nele. Sendo assim, a existência se evidencia de maneira subjetiva e abstrata, ao passo que as alegações sobre o espírito humano e seus conceitos se formam de início mais no campo metafísico para depois ser constatado de maneira imanente.

Como exemplo e expressão desta grande escala de pensamentos, temos as artes teatrais e literárias que permitem aos seus leitores a evocação de fatos através da emoção aflorada e objetiva para se pensar a existência em todas as suas implicações. Foi dessa maneira que Gabriel Marcel assim como Joseph Ratzinger também consideraram a existência humana de maneira tão delicada e sensível: na dramaticidade do ser no mundo apresentada nas artes do teatro, da música e da literatura.

Eu somente existo porque sou, e o sou porque sei que sou através das outras coisas e objetos que se me apresentam. Por isso, a problemática do existencialismo não se constitui somente na exclusividade da existência, mas também naquilo que se pode extrair do que se pensa sobre o ser, uma intersubjetividade contínua entre todos.

³ REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: De Nietzsche à Escola de Frankfurt*, v. 6. São Paulo: Paulus, 2006, p. 234-237.

Dessa forma, Paul Foulquié, afirma que não se pode pensar a existência em si mesma como objeto, mas sim como realidade de vários atributos reunidos: “[...] eu não sou alto, loiro, fumante... e existente: mas eu não sou alto, loiro, fumante, salvo se eu existo. Apreende-se a existência no existente, mas não em si mesma.”⁴ O ser humano, por assim dizer, não se constitui de uma única massa corpórea que ocupa um espaço no universo, mas é a confluência das substâncias que o compõe: espírito, alma, corpo, sentidos, emoções, capacidade relacional, etc. Conjugada a todos esses atributos está a sua capacidade de refletir sobre si próprio, usando das emoções e da razão.

A experiência existencial ocorre quando o ser se sente imerso no universo e no mundo e se pode comprová-lo através da sua corporeidade e da sua relação de comunicação com os outros seres. Porém, escolher o que se pretende ser (ou *vir a ser*), depende da escolha e da construção da nossa essência que, segundo o existencialismo só acontece conseguinte à existência. Assim, a existência é algo que jamais se baseia num objeto determinado e preciso, mas num leque de possibilidades. Sendo o homem um ser inacabado, sua tarefa existencial é tornar-se um ser em construção e erigir a cada instante seu eu, sua possibilidade. Não importa o quão perto ou longe avance nessa construção, enquanto estiver existindo, estará no *Devir*.⁵

Contudo, não basta somente existir, mas sim saber que se pode pensar no porquê o ser existe no mundo. A partir dessa reflexão, o ser encontra-se numa situação de imersão na sua existência e somente pode saber dela mesma pelo fato de estar em comunicação com *outrem*, sejam eles humanos ou não. Quando o ser se encontra com o outro, daí pode perceber cada vez mais as suas próprias particularidades. Afinal, um ser não será totalmente igual ao outro, salvo saber ser um humano no mundo com especificidades básicas comuns, como corrobora Waelhens:

O homem só é junto de si mesmo e só se torna ele mesmo, sendo sempre e necessariamente fora de si próprio e junto das coisas. Eu tenho consciência de mim apenas lateralmente e em ricochete à apreensão

⁴ FOULQUIÉ, Paul. *O Existencialismo*. Trad. J. Guinsburg, 3ª ed, Editora Difel: São Paulo – Rio de Janeiro, 1975.

⁵ Se o ser é idêntico ao nada, não há *tornar-se com o outro*. Esse traço da fenomenologia advém do conceito de *Devir* apresentado por Hegel, mais propriamente dito na *Fenomenologia do espírito*, pois, este indica um elo de ligação entre o momento do ser nada e o do *estar* aí apresentado pelo *Dasein*: “O que é a verdade, não é nem o ser nem o nada mas que o ser passa – ou melhor, já passou – do nada e o nada ao ser.” (HEGEL, 1932, p. 54). Assim sendo, o *Devir* é o conceito que indica, desde as filosofias pré-socráticas até a contemporaneidade, uma chave de leitura para se denominar a condição de ser no mundo, ao passo que este *vir a ser* mostra que o ser humano enquanto ser, realmente se expressa como tal e com humanidade, quando passa da essência à experiência da existência.⁵ Na proposta dos próximos tópicos, veremos que essas considerações se refletem na filosofia do ser itinerante em Marcel e também na busca de plenitude do ser humano através do *crer* em Ratzinger.

do não-eu próprio [...]. Logo, não posso atribuir-me outro ser, salvo aquele que eu mesmo faço para mim próprio, na minha atitude diante do mundo e dos demais homens.⁶

De fato, quando pensamos o porquê da existência, não escolhemos somente existir no mundo, entretanto, como queremos existir e assim o fazer em situação e comunicação de consciências. Não escolhemos, porém, a forma de consciência das coisas outras que se apresentam no mundo, mas escolhemos o que faremos com cada uma delas e como elas servirão ao nosso itinerário de vida. O uso das coisas e a comunicação aberta com outros seres, por sua vez, implica o uso da liberdade que cada ser possui em sua singularidade⁷. Este conceito chave para a filosofia existencial, mesmo tendo sido motivo de muitas conjecturas e teorias confluentes e convergentes, é aquele que mais apresenta a capacidade de transformação e performatividade do ser enquanto ser no mundo. Por ser livre, o ser humano pode escolher a sua evolução ou degradação contínua frente aos outros seres, tendo como objeto a ser alcançado um ideal que preencha sua existência. Por isso, a filosofia do existente também se baseia de maneira proeminente no pensamento, de forma concreta e autêntica, e não somente praticar o exercício de pensar.

1. Gabriel Marcel e o existencialismo francês

Gabriel Marcel (1889 – 1973), filósofo e dramaturgo francês, nos apresenta uma nova forma de conceber a existência humana e a relação homem – mundo, a partir da chamada Filosofia Concreta, na qual a presença do transcendente se evidencia no centro de nossas experiências humanas. Segundo Marcel, esta filosofia leva-nos a descobrir que somos seres existentes, encarnados, participantes no ser. Enquanto descobrimos a nós mesmos, descobrimos, também, nossa participação no ser. A comunhão amorosa que estabelecemos por meio da intersubjetividade com o outro nos ajuda a pensar no ser humano como um ser relacional, que se imbrica no conceito de pessoa, abrindo espaço para as considerações de encarnação e constitui elementos do pensamento personalista⁸. Dessa maneira, o ser humano se apresenta como o “homem concreto”.

⁶ WAELHENS, Alphonse de. *Vida interior e vida ativa*. In *Os Direitos do Espírito e as Exigências Sociais*. Recontres internat. De Genève: La Baconnière, 1950. p. 35-36.

⁷ Apresentaremos, mais adiante, como esse conceito influenciou tanto as considerações de Marcel nas chamadas reflexão primeira e segunda, como também no pensamento de Ratzinger sobre o lugar ético e político do ser humano no mundo à procura de liberdade.

⁸ Segundo Verônica Abreu, Marcel se torna, de certo modo, um precursor importante para o pensamento personalista com a ideia de que a pessoa é eminentemente um ser transcendental; além do mais, sua filosofia acerca das considerações Ser e Ter se aproximam da base do personalismo. (ABREU, 2008, p. 53). Seu *Helleniká – Revista Cultural, Curitiba, v. 3, n. 3, p. 133-147, jan./dez. 2021*

Filho de Henry Marcel e Laura Meyer, lembrava dos mesmos de maneira sensível e firme. O pai, um homem sincero e ilustre, trabalhador e estudioso incansável. A mãe, mulher refinada e delicada, de inteligência encantadora que, infelizmente, falece com uma doença incurável em menos de quarenta oito horas quando Marcel contava com apenas quatro anos. Com esta experiência e com esse sentimento angustiante, Marcel presencia seu pai escrever à sua mãe um poema que, na beleza de seus versos apresenta sua maneira de pensar sobre a vida, a morte, as crenças da religião cristã e as considerações sobre a eternidade, coisas que se constituíam sem sentido⁹. Com isso, apreendemos um traço muito característico do pensamento e da filosofia de Marcel: o risco contínuo de não aceitar o limite do conhecimento, pois, ele mesmo viveu um paradoxo entre a falta e a presença com a morte da sua mãe: experienciou a finitude e o limite humanos abrindo-o à uma dimensão da infinitude.¹⁰

Marcel sempre fora mais conhecido como filósofo, porém também é digno de atenção por sua postura como músico, dramaturgo, conferencista e ensaísta. Dessa maneira conseguiu oferecer, em meio às tragédias das duas guerras¹¹, traços interessantes para a reflexão acerca do ser no séc. XX. Questionou a postura da existência apresentada através de um viés anti-idealista e anti-positivista, apresentando a existência como experiência da encarnação do homem concreto através dos temas da sensação e da corporalidade.

pensamento, portanto, consiste em adotar uma participação pessoal através das experiências humanas relacionais básicas: o amor, a fidelidade, a esperança e outras semelhantes.

⁹ Marcel Gabriel fará muitas visitas ao cemitério e lerá muitas vezes o poema de seu pai:

Flor cultivada no jardim do sonho
pelos dedos temerosos do amor
feita de tua forma breve
e de teu sorriso de um dia.

Onde se exala tua fina essência?
Que lírio a encarna nas puras cimas?
Aspirarê-mo-lo sempre juntos
no augusto umbral que incensa?

Se ao menos do éden escondido
tua estrela marcasse tua rota...
Porém, nossos olhos, ai, na dúvida
se fecharam sem havê-lo sabido.

PARAJÓN, Mario. *Introdução Biográfica a Marcel*. In MARCEL, G. *Obras Selectas*. BAC: Madrid, ES, 2002. p. 21-29

¹⁰ *Ibidem*, p. 21-29.

¹¹ A sua experiência na guerra de comunicar a morte dos soldados aos familiares também se tornou um ponto importante nas suas considerações sobre o pensamento da angústia e finitude humanas. Para melhor compreensão, vide ZILLES, Urbano. *Gabriel Marcel e o Existencialismo*. Ed. PUCRS/Acadêmica: Porto Alegre, RS, 1988.

Ao longo da leitura dos pensamentos de Marcel, percebemos sua filosofia composta em espécies de diários com os quais ele compartilha todas as suas conjecturas, desilusões, tristezas, alegrias e vitórias em meditações constantes.

No século do homem intersubjetivo como centro da análise científica e filosófica, faz-se necessário a reflexão seja ela cristã, religiosa ou não, por meio da filosofia agora chamada da “existência”. Apesar de nunca ter considerado a si próprio como um autor ou pensador existencialista¹², Gabriel Marcel carrega em sua filosofia grandes resultados e importantes indagações sobre o ser humano concreto no mundo.

2. O ser segundo Marcel

Para o filósofo, não basta considerar o ser como uma equação científica de valores exatos, mas sim como um *metaproblema*¹³ da real interrogação da presença concreta deste no mundo. Este é um pensamento nuclear em Marcel: são as zonas sobrepostas da experiência interior do ser: a intelectual e a ontológica, ou seja, a do problema e a do mistério que, segundo o autor constituem a reflexão primeira e a reflexão segunda, respectivamente. O dado ontológico somente se torna acessível para um pensamento que reconhece a participação do existente no ser a partir de experiências concretas, superando a possível dualidade/ distinção sujeito-objeto. É por isso que Marcel apresenta a reflexão primeira no âmbito do problemático e a reflexão segunda no âmbito do *metaproblema* ou do mistério: que se constitui como que uma intuição cega¹⁴, na maneira de dar-se do ser – uma exigência ontológica – que se reflete na lógica metafísica da liberdade. Descobre-se, assim, a consistência do existente que participa do ser.

Desse modo, a segunda reflexão busca recuperar a possível unidade perdida na primeira - se podemos dizer que isto seja plausível de considerar já que a reflexão primeira se dá na instrumentalização e objetivação do pensamento que reduz o ser aos limites de

¹² De fato, Marcel não se deixa “enquadrar” sob tal vocabulário, assim como afirma no Prefácio de *Mystère de l'être*: “Está claro demais que o pensamento que se exprime aqui se orienta deliberadamente contra um ‘ismo’ qualquer que seja. Mas enfim, se fosse preciso a todo preço se resignar a procurar uma etiqueta é a de neo-socratismo ou de socratismo cristão que o autor adotaria final de contas”. MARCEL, Gabriel. *Le Mystère de l'être*. Association présence de Gabriel Marcel: Paris, 1997.

¹³ Presenciamos aqui um dos famosos “binômios marcelianos” que permeiam sua filosofia: mistério-problema; ser-ter; reflexão primeira-reflexão segunda.

¹⁴ A experiência do “eu”, não constituída, mas sim constituinte, não pensada, mas pensante, seria a experiência totalizante do encontro de um ser. É essa a intuição cega, segundo o filósofo francês que somente pode ser clarificada por meio da reflexão e revelar o encontro com o ser pela mediação do encontro concreto com os outros seres que encontramos durante a vida e que se fazem presentes nas modalidades transcendentais do ser.

um idealismo – e restabelece a primazia do ser sobre o pensamento, através do mistério do ser em que o ser mesmo se encontra imerso. Sendo assim, o pensamento se constitui em um constante reflorescimento da vida – passagem da inautenticidade à autenticidade.¹⁵

Uma simples questão pode ser extraída de toda essa problemática: como é possível identificar um sentimento que se experimenta pela primeira vez? Tudo se reduz à separação e distinção do que se sente e do que se é, entre um sentimento que tenho e um sentimento que sou. Ter, segundo o filósofo francês está conceituado no âmbito da posse de algo que representa certa exterioridade a respeito de si mesmo que não é, porém, absoluta. O que tenho são coisas que são acrescentadas a mim e o tenho enquanto sou um ser de potência. Como um ponto de ambiguidade essencial do Ter, podemos considerar, por exemplo, o caso de um suicídio. A vida que o ser humano retira de si mesmo, demonstra que aquele realmente teve a prerrogativa de possuir a sua própria vida? Não entra em contraponto ao fato de que, aquele que não comete tal ato o faz porque sabe não ser dono da própria vida? A transferência que ocorre entre o “tu tens” e o “ele tem” somente pode se considerar a partir de uma certa perda sem a qual não pode efetuar-se. Destarte, usando deste exemplo, Marcel apresenta a resposta da reflexão segunda: a primazia do Ser sobre o Ter, ou seja, quem se suicida, manipula erroneamente a sua vida como algo que somente possui e não constrói sentido. Quem, pelo contrário, doa a sua vida a alguma causa, mas sem retirá-la de si mesmo, está fazendo assim porque “obedece a uma chamada de seu ser”¹⁶. Com isso, somente o amor é o dado crucial que transpassa os limites da existência desde o ser.

A partir da música, da poesia e mais especificamente da dramaturgia (as peças de teatro) presentes na vida e filosofia de Marcel, percebemos a beleza do ser humano e de suas interações na comunidade a qual se pertence. Ao passo que a filosofia existencial contempla a dramaticidade da vivência humana como uma experiência desnudada, o teatro em sua autenticidade permite a revelação do homem como ser itinerante. Portanto, para o pensador francês, nas questões referentes à intersubjetividade, é no teatro onde a metafísica busca compreender-se e definir-se concretamente em um contínuo enlace matrimonial: “Sigo persuadido que é no drama e através do drama que a metafísica se compreende ela mesma e se define em concreto.”¹⁷

¹⁵ GRASSI, Martín. La reflexión segunda y el acceso al misterio del ser em la filosofía concreta de Gabriel Marcel. In Revista Nuevo Pensamiento, (s.l), (s.d).

¹⁶ MARCEL, 1997, p. 130.

¹⁷ MARCEL, 1949, p. 67

O método da filosofia de Marcel se apresenta como um método mais experimental e vivencial do que teórico, pois considera situações concretas, relações interpessoais entre o *eu* e o *outrem* e uma análise hiperfenomenológica da esperança que chega a atingir o outro lado daquele dado que é realmente apresentado. A filosofia concreta do filósofo francês considera como essência aquilo que é só concebido tendo objetividade no mérito criador de cada pessoa humana: existir é perfazer-se continuamente ao se ultrapassar a si próprio em seus limites em uma escolha insubstituível pela existência.

Desta forma, a inquietude basilar do homem é a alegria daquele que busca, na imersão do ser, o sentido da plenitude pessoal que sempre quis, pois este ser se conjectura, ao passo que sofre a trama de situações e objetos que o envolvem e lhe oferecem diversas possibilidades e capacidades de imersão e desenvolvimento em torno de meros objetos, lhes contrapondo. A dualidade alma-corpo, que sempre permeou os estudos em busca da conceituação do ser (inclusive nas filosofias cristãs da Idade Média ou até mesmo aquela cartesiana), se faz presente no pensamento de Marcel de uma maneira concreta, ao passo que este entende a existência do ser no mundo quando este percebe e diz a si mesmo: Existo porque sou o meu corpo¹⁸.

A corporeidade humana é ponto basilar que indica a existência de maneira visível, palpável e relacional, pois há em cada ser uma fonte de energia sempre nova e inesgotável. O contato de Gabriel Marcel com a música proporcionou contemplar este caráter misterioso da vida humana. Todo ser humano é único, capaz de perceber esta energia sempre viva e sempre nova que o inquieta a descobrir sua parcela de participação como protagonista de sua história. O filósofo francês aborda amplamente uma ressignificação de sentidos onde, pela existência concreta revelada pelo meu corpo e através dos meus sentidos, posso ir em busca da transcendência da totalidade do ser, no percurso do contínuo “transformar-se”:

O que sou eu? Respondendo a esta pergunta, talvez, eu sou meu corpo é como que significa um tipo de realidade essencialmente misteriosa que não se deixa reduzir às determinações que se apresenta como objeto, por completar que sejam. Quer dizer, o sentido está ligado indissolúvelmente ao feito de que este corpo seja meu corpo e não um corpo entre outros¹⁹.

¹⁸ Para essa afirmação do autor, vide MARCEL, Gabriel. *Le Mystere de L'être*. Association présence de Gabriel Marcel, Paris, 1997. p. 234.

¹⁹ CARLO Q. Juan Javier. *La Concepción de hombre según Gabriel Marcel*. Disponível em: <http://www.monografias.com/trabajos16/gabriel-marcel/gabriel-marcel.shtml>. Acesso em 27/02/2020.

É indispensável considerarmos a singularidade do ser frente a tudo o que existe, inclusive frente à figura do outro. Sendo assim, ao passo que o ser enxerga suas peculiaridades quando se reflete em outro ser como ele, pode decidir perfazer-se (ou transformar-se), ou simplesmente desesperar e desanimar, como que se nada mais tem valor e sentido, já que pode ele se ver como um entre os demais. Em um sentido mais amplo, o ser que, ao desenrolar da vida decide evoluir cada vez mais em amplos aspectos, pode chegar a tomar consciência de se refletir em um ser maior, ou um Outro Transcendente que lhe confira sentido mais pleno e significativo, lhe outorgando a esperança de sua dignidade elevada.

Esse Outro é especificado na filosofia de Marcel como o Tu Absoluto, o qual confere sentido à existência humana através do dado central da encarnação²⁰, se essa for considerada um contínuo caminho para uma possível plenitude. Esse Outro transcendente não é considerado no plano da teodiceia (que se baseia nos argumentos tradicionais), mas sim como O que eleva o espírito humano à um *tu junto a mim*, se conceitua na experiência do amor e da esperança em uma contínua relação de encontro e presença. Assim, esse espírito absoluto se manifesta no ordinário da vivência humana como uma exigência de transcendência.

Por isso, de acordo com Marcel, consideramos a experiência da presença do homem no mundo como experiência do ser encarnado, porque este não existe como um objeto meramente criado, mas existe como aquele que foi concebido, formado e esperado com carinho e atenção. Desta forma, ele pode considerar sua essência como dom que lhe impulsiona ao transcendente procurando o sentimento de eternidade, rechaçando o que pode lhe levar a uma prisão intensificada em um sentido único da história. Assim, ele se inclui na própria dúvida que se coloca sobre o sentido de sua existência.

3. A itinerância do *Homo Viator*

Podemos classificar a filosofia de Gabriel Marcel como aquela “sem morada”. É interessante percebermos que até mesmo ela se encontra em itinerância, assim como o *Homo Viator*: um peregrino e andarilho. Se considerarmos a existência do homem aqui

²⁰ A encarnação, entendida pelo filósofo como dado imediato e indubitável de uma metafísica e situação atual de meu eu-no-mundo, que se nos oferece na intimidade da experiência radical e primária e tem como princípio fundamental não o *eu penso*, mas o *nós somos*, ou, em outros termos, eu existo na medida em que me relaciono com o outro.

incluída nas classificações de *ser* e *ter*, as quais já analisamos anteriormente, vemos que o peregrinar do ser humano é mais uma condição do que uma atitude: o homem está “sujeito a”. Por isso, Gomes nos apresenta que “[...] na busca do que seria uma posse legítima e fiel à existência, é preciso admitir que tudo o que a pessoa tem é o itinerário de ser, essa itinerância é a única posse e única propriedade concreta do humano.”²¹

Para entendermos a conceituação de itinerância no *Homo Viator* de Marcel, é preciso compreendermos sua relação com o binômio *Ser* e *Ter* segundo o filósofo. O homem andarilho se realiza plenamente na peregrinação e no despojamento. Aí ele encontra o verdadeiro objetivo de estar no mundo e ser quem é – a existência como abordagem metafísica também pode se aliar a essa conceituação e lhe dar amplitude. O homem não pode considerar-se como um objeto parado no caminho, como, por exemplo uma pedra, mas caminha em busca de algo. Assim, nas próprias palavras de Marcel, “[...] cheguei a ver cada vez com maior claridade a minha condição de ser não somente encarnado, mas sim itinerante, *Homo Viator*”.²²

Já a deturpação do sentido da existência humana se dá na mera busca pelo *ter*, já que isso barra o homem em sua peregrinação. Se este considera sua situação itinerante como somente a busca pelo *ter*, isto lhe limitará na plena realização de sua existência. Portanto, o homem deve ser fiel ao seu caminhar, pois a liberdade do ser humano não está na razão de sistemas filosóficos fechados, mas na compreensão do sentido do mistério²³. Neste caminhar, o peregrino se torna disponível aos outros em sua situação de itinerância, pois atua no mundo como um protagonista que vive com verdadeiro sentimento todas as experiências por ele absorvidas.

Possuir a liberdade é diferente de ser livre. A liberdade em Marcel se dá, portanto, quando o homem peregrino escolhe a sua direção e não permanece somente no fato de “itinerar” ou “andar somente por andar”. Isso distancia-o da verdadeira esperança, que é um modo do *ser*. Portanto, o sentido da peregrinação é, quando ao final desta (a morte talvez?), se acrescentou valores ao *ser* ao longo do caminho. Aí subsiste a esperança, quando esta motiva o ser humano a buscar algo mais em seu peregrinar.²⁴

²¹ GOMES, Paulo de Tarso. *Gabriel Marcel: A Filosofia da Existência como Neo-Socratismo*. Reflexão. Campinas, 32 (92), p. 11-17, jul./dez., 2007, p. 11.

²² MARCEL, Gabriel. *Mystere de l'Être II: foi et realite*. Paris: Aubier, 1951, p. 27.

²³ GOMES, Paulo de Tarso. *Gabriel Marcel: A Filosofia da Existência como Neo-Socratismo*. Reflexão. Campinas, 32 (92), p. 11-17, jul./dez., 2007.

²⁴ Vide GOMES, Paulo de Tarso. *Gabriel Marcel: A Filosofia da Existência como Neo-Socratismo*. Reflexão. Campinas, 32 (92). P. 11-17, jul./dez., 2007.

O homem viandante de Marcel se depara ao seu redor com o mundo impermeado da prevalência do ter sobre o ser, fazendo com que cada vez mais os seres humanos se isolem, se autoconsumindo e imergindo em uma situação angustiante de desespero. A máquina social moderna no mundo em que o homem se encontra é um verdadeiro perigo para a evidenciação do sentido do peregrinar do ser humano:

A crescente socialização da vida e o poder crescente do Estado invadem a esfera privada da pessoa e destroem a fraternidade dos homens e o único terreno fértil sobre o qual a reflexão e a força criativa podem florescer. É um mundo em que os seres humanos tendem a se tornar funcionários; isto é, em seres que escapam em uma determinada função na sociedade humana, convertidos em figuras estatísticas, deixando de ser seres com direitos que atuam livremente²⁵.

4. Joseph Ratzinger e o cristianismo como resposta existencial à angústia humana

Joseph Ratzinger, o segundo autor que abordamos nesta pesquisa, nasceu em Marktl am Inn (Alemanha), a 16 de abril de 1927. Reconhecemos que seja apreciado por sua grande obra teológica e por ser o Papa emérito Bento XVI, mas podemos com clareza absorver sua apurada forma filosófica de apresentar os assuntos mais diversos da humanidade, principalmente suas considerações sobre cultura, política, estado, religião, fé e liberdade.

O tempo da sua juventude não foi fácil. A fé e a educação da sua família prepararam-no para a dura experiência dos problemas relacionados com o regime nazista: ele recordou ter visto o seu pároco açoitado pelos nazistas antes da celebração da Santa Missa e de ter conhecido o clima de grande hostilidade em relação à Igreja católica na Alemanha. Mas, precisamente nesta complexa situação, descobriu a beleza e a verdade da fé em Cristo e foi fundamental o papel da sua família que continuou sempre a viver um testemunho cristalino de bondade e de esperança radicada na pertença consciente à Igreja. Quase no final da tragédia da Segunda Guerra Mundial foi alistado nos serviços auxiliares antiaéreos.²⁶

²⁵ HEINEMANN, Fritz. *Está viva o muerta la filosofia existencial?* Madrid: Revista do Ocidente S.A., 1954.

²⁶ L'Osservatore Romano. A Biografia de Sua Santidade Bento XVI. Libreria Editrice Vaticana. Vaticano, (s.d) Disponível em http://www.vatican.va/content/benedict_xvi/pt/biography/documents/hf_ben-xvi_bio_20050419_short-biography_old.html.

Não obstante o pensamento de Gabriel Marcel, se concebe uma relação coesa na filosofia, já que o teólogo alemão também vivenciou, ainda que na infância, a realidade intensa e sofrida da Segunda Guerra Mundial – a qual, juntamente com a Primeira Guerra, o autor alemão chamará de “ditadura global” – e dos ideais nazistas deste período. Ao considerarmos os fatos que perpassaram sua vida, percebemos o seu apurado saber filosófico que, se conjugado ao seu pensamento teológico, constitui um belíssimo conteúdo do século atual.

A partir da consideração de Deus e da divindade tendo como início as relações do mito e da filosofia grega antiga, o papa emérito relaciona o fato de Deus como puro pensamento com a evidência do amor e da justiça concretizados no único absoluto. Também aborda amplamente e, por vezes, ora conflitando, ora afirmando os pensamentos de filósofos como Kant e Habermas (com este produziu *A dialética da secularização*), apresenta seu ponto de vista peculiar e enérgico sobre a liberdade, a justiça, a fé, o poder e a política. O seu diálogo com a cultura contemporânea apresenta pistas concretas para uma maior relação entre as correntes de pensamento atuais e para o crescimento da pessoa cristã.

Segundo o alemão, o encontro entre o cristianismo e o mundo greco-latino não se tornou conflitivo, pois ambos coincidem em matéria racional para a superação do mito. Deste modo, seria preciso cada vez mais recuperar a estreita relação entre fé e razão como mútua fidelidade, afinal, a razão sem a fé não servirá para curar e a fé sem razão não será humana. A aproximação cristã, pois, pressupõe que o componente social e político constitui parte basilar da essência humana, introduzindo uma saudável dualidade nas relações Estado e Igreja.

Deste modo, segundo o teólogo alemão, ainda que o ser humano tenha se libertado do vínculo dos costumes e da tradição, ainda se depara com limites não vividos antes que são impostos pela civilização técnica e centralizada. O homem não está somente dentro e diante da existência, mas também em relação consigo mesmo. É possibilidade para si mesmo, possibilidade de se concretizar na existência. Contudo, o indivíduo, nessa relação consigo mesmo, sente todo o peso das possibilidades das quais é feita a existência, de tal maneira que nota, perante as possibilidades, que mesmo a relação que mantém consigo mesmo é problemática. E o desespero traduz concretamente a dificuldade dessa relação. Entretanto, para o autor alemão, a história da modernidade se apresenta como a história da liberdade.

Em um dos seus objetivos, remonta-se às fontes para iniciar uma nova reflexão que corrija o rumo pelo qual a humanidade decidiu traçar. Sendo assim, Ratzinger afirma que Kant, ao pressupor a impossibilidade do conhecimento metafísico, individualizou e reduziu não só a liberdade como também a razão²⁷. Também rechaça a teoria marxiana de liberdade, pois, segundo esta, a vontade própria seria a norma vigente de toda ação humana, tendo a prerrogativa de querer tudo, ocasionando, novamente, uma visão reducionista da liberdade.

Contudo, o autor oferece uma visão de liberdade que, ao invés de um futuro incerto e imprescindível, compreende e compromete o presente, o qual justamente é o campo de ação da política; propõe novas respostas às origens das problemáticas do ser humano e que a crise de liberdade na qual nos encontramos imersos, resulta do conceito de liberdade não esclarecido, mas sim restringido - reduzido a um direito individual – em busca de um falso desejo de endeusamento que ocasiona no arrebatamento da verdade humana²⁸. Desta forma, a liberdade se viu obstaculizada ao ser humano na sua verdadeira concepção e, não obstante, se constitui constantes ameaça e restrição pelo fato de cairmos sempre na tentação de trocar espaços de liberdade por aqueles restritivos. Portanto, para Ratzinger, verdade e amor são características autênticas que deveriam ser o motor e o poder no mundo. Por esta via seriam descobertos novos modos para se promover o direito e a ética e, desta maneira, encontrar a paz.

Conclusão

As noções da filosofia existencialista apresentadas pelos dois autores em questão neste trabalho, mesmo que oficialmente não se insiram nesta vertente filosófica, representam grande importância para a filosofia do século XX em diante. Não obstante, a problemática da constituição do ser humano e seu lugar no mundo se faz premente e representa o objeto de uma gama diversa de considerações e pensamentos desde então. Pretendemos pois, com esta pesquisa, apresentar ao leitor a filosofia existencialista de Gabriel Marcel e seu pensamento constituído a partir de uma filosofia concreta, não sistemática, porém

²⁷ RATZINGER, J. *A fé como convívio*. Eiusa: Barcelona, 1997, p. 62.

²⁸ “É precisamente em vista das limitações da democracia que o clamor pela liberdade total se torna mais clamoroso. Agora, como antes, mais ainda, muito claramente, "lei e ordem" aparecem como o contrário à liberdade. Instituição, tradição e autoridade continuam aparecendo, como antes, como o polo oposto à liberdade.” RATZINGER, J. *Fé, verdade y tolerância. El cristianismo y las religiones del mundo*. Ediciones Sígueme: Salamanca, 2005. p. 210.

repartida em discursos, cartas e escritos diversos, imbricada naquela de Joseph Ratzinger que, ao invés de se pensar que este desconsidera o campo da realidade filosófica imanente partindo somente para aquela transcendente, apresenta de maneira muito bem fundamentada filosoficamente a presença do ser humano no mundo como homem livre, dotado de capacidade de relação e poder, capaz da cultura e da busca pela liberdade.

Se, pois, o ser humano se constitui como um ser itinerante no mundo e possui a premissa da construção de si mesmo frente a outros indivíduos, também tem a liberdade de procurar o bem ou o mal, o aprisionamento de si mesmo ou a libertação, se render às ideologias do mundo ocidental ou transformá-las e assim por diante. Não é direito do ser humano escolher o que o outro será no mundo, porém sim é seu dever escolher aquilo que ele mesmo será perante os outros em uma contínua comunicação de consciências, em escala ascendente ou descendente. Desta forma, relacionando o pensando dos dois autores, percebemos que o ser humano possui um desejo interno do infinito e da plenitude, mesmo que ainda de maneira imperfeita constatada na materialidade deste mundo.

Referências

ALVES, Marcos Alexandre. HOHEMBERGER, Diones. Homo Viator: Encarnação e itinerância em Gabriel Marcel. Artigo in *Revista Litterarius*, v. 12, n. 1. Faculdade Palotina: Rio Grande do Sul, 2013.

AZEVEDO, José André de. *A filosofia da esperança segundo Gabriel Marcel*. Mestrado em Filosofia pela UNIOESTE, Campus Toledo: Paraná, (s.d).

BORGES, D. S. *Metafísica da esperança em Gabriel Marcel: a relação*. Trabalho de conclusão de curso de filosofia. Universidade Católica de Pelotas: Rio Grande do Sul, 2012.

ESLAVA, Euclides. *La filosofía de Ratzinger: ciencia – poder – libertad – religión*. Universidad de la Sabana: Colômbia, 2014.

FOULQUIÉ, Paul. *O Existencialismo*. Trad. J. Guinsburg. 3. ed. São Paulo – Rio de Janeiro: Editora Difel, 1975.

FUSARO, Diogo. *Gabriel Marcel, vita e opere*. Disponível em: www.filosofico.net/marcelgabriel.htm. Acesso em: 23 abr 2020.

GRASSI, Martín. *Existencia y consistência en el pensamiento de Gabriel Marcel*. Texto apresentado no XIX Encontro Nacional de Filosofia e Hermenêutica: Buenos Aires, 2008.

GRASSI, Martín. La reflexión segunda y el acceso al misterio del ser en la filosofía concreta de Gabriel Marcel. In *Revista Nuevo Pensamiento*. v. 2. Facultad del Salvador, área San Miguel: Buenos Aires, 2012.

HEINEMANN, Fritz. *Está viva o muerta la filosofía existencial?* Madrid: Revista do Ocidente S.A., 1954.

MARCEL, Gabriel. *Mystere de l'Etre II: foi et realite*. Paris: Aubier, 1951.